

## DETENÇÃO OU MORTE: AONDE OS GAROTOS “PANDILLEROS” DE EL SALVADOR ESTÃO INDO

Marlon Carranza, Universidad Centroamericana José Simeón Cañas,  
Instituto Universitario de Opinión Pública (IUDOP)

*Este relatório enfoca as gangues juvenis territoriais organizadas, conhecidas como maras ou pandillas. As duas pandillas focalizadas foram: Mara Salvatrucha 13 (MS) e Barrio 18. A Parte Um fornece um resumo contextualizado desses grupos. A Parte Dois lança um olhar mais atento à face humana do fenômeno, traçando perfis dos indivíduos envolvidos. A Parte Três examina soluções possíveis para o problema, fazendo uma avaliação de programas e políticas sociais relevantes. A versão completa do relatório resumido neste capítulo pode ser encontrada em [www.coav.org.br](http://www.coav.org.br)*

### Metodologia

A Parte I deste estudo começa com uma revisão das publicações recentes sobre *pandillas*. A revisão descobriu que passos importantes foram dados para se entender melhor o problema. Esses passos incluem um monitoramento permanente do sentimento do público em relação à questão, assim como um monitoramento das transformações que se deram no interior das *pandillas* num período de tempo relativamente curto (1996-2001). A pesquisa incluiu conversas com membros de gangue ativos e com membros das comunidades afetadas pela violência das gangues. Essas informações adicionais enriqueceram sem dúvida as tendências reveladas pelos estudos.

É importante observar que, na Parte I, foi feito um esforço para fornecer um apanhado da situação geral dos jovens de El Salvador, através de *Encuestas de Hogares y Propósitos Múltiplos* (Levantamento de Lares e Propostas Múltiplas), e para comparar os índices de mortalidade da população em geral com os dos jovens. Infelizmente, não há dados atuais disponíveis sobre índices de mortalidade, porque o Instituto de Medicina Legal de El Salvador possui apenas os números de 1998, 1999 e 2000.

As informações sobre crianças e jovens na violência armada organizada, para a Parte II, foram obtidas por meio de 12 entrevistas com membros do *Barrio 18*. Entre os entrevistados para essa seção, seis tinham 17 anos de idade, três 16 e os outros 15, 14 e 19. Dois dos entrevistados eram mulheres jovens. A maioria das entrevistas foi realizada na área metropolitana de San Salvador e algumas nos municípios vizinhos de Apopa, Mejicanos ou Santa Tecla.

As informações contidas na Parte III foram obtidas por meio de duas entrevistas. A primeira delas com César Rivera, diretor de pesquisa e secretário técnico do Projeto Social de Prevenção à Violência e Delinquência, do Conselho Nacional de Segurança Pública. A segunda entrevista foi com Raúl Ramírez, diretor do Polígono Industrial Don Bosco.

## I. RESUMO CONTEXTUALIZADO DE COAV

### Perfil da Área de Estudo

El Salvador tinha uma população de 6.510.348 habitantes, em 2003, distribuída entre 14 departamentos que ocupam 21.040.79 quilômetros quadrados. Cinquenta e nove por cento da população vive em áreas urbanas e 41% nas áreas rurais. O fenômeno da urbanização e os

aumentos subseqüentes na densidade populacional são mais acentuados na capital, San Salvador. A Área Metropolitana de San Salvador (AMSS) contém 31,5% da população do país e possui uma

densidade de 3,778 habitantes/km<sup>2</sup>. Além disso, El Salvador é um país jovem: 44% da população tem menos de 18 anos de idade. Na AMSS, metade da população (49,1%) está abaixo dos 24 anos. A faixa etária de 18 ou menos constitui 37,09% dessa população.<sup>1</sup>

Quase 83% da população entre quatro e 18 anos da AMSS está na escola (comparada a 73,5% em nível nacional). A frequência escolar para crianças até 12 anos é de 96,5%. Quando as crianças crescem, há uma tendência de queda no número de jovens na escola. Aos 18 anos de idade, quase 30% não estão na escola. Muitas vezes, os jovens não estudam devido à necessidade de ganhar dinheiro, embora a população jovem (entre 15 e 29 anos) continue a ser o grupo mais afetado pela falta de trabalho, com índices de desemprego de 9,8%.<sup>2</sup>

Além das *pandillas*, outras manifestações de violência na AMSS incluem delinqüência comum (homicídio, roubo, furto, tráfico de drogas), violência familiar e delinqüência.<sup>3</sup>

### Breve análise Histórica da Situação

Em El Salvador, há uma crença comum de que o surgimento de *maras* e *pandillas* coincidiu com o fim da guerra civil no país, em 1992. Na realidade, as gangues já existiam — mesmo antes da guerra — embora tenham se tornado mais visíveis na década de 1990. Os *pandilleros*<sup>4</sup> começaram usando roupas largas e fazendo tatuagens, passaram a identificar seus grupos como *pandillas* ou *maras* e ficaram mais violentos; eles se envolveram então em confrontos públicos com *pandillas* rivais e em outras atividades delinqüentes.

El Salvador esteve envolvido num conflito armado de 12 anos, de 1980 a 1992. Entre as conseqüências visíveis desse conflito estavam as mais de 75.000 mortes e grandes aumentos de pobreza e migração.<sup>5</sup> Os primeiros anos após a guerra civil estão entre os períodos mais violentos, registrados na história do país. Alguns estudos apontaram que o aumento na violência, depois da guerra civil, se deveu ao fato de que a violência era o único método familiar aos salvadorenhos para resolver conflitos. A crença de que as gangues surgiram por causa da guerra — devido à deportação de jovens de Los Angeles<sup>6</sup> ou a uma tendência criminosa inerente à juventude — ignora uma série de fatores determinantes na construção cultural da violência. Embora esteja claro que a delinqüência juvenil cresceu após a guerra, seria equivocado afirmar que os jovens foram os principais responsáveis pelo crescimento nos níveis de violência. Por exemplo, de acordo com estatísticas da Polícia Civil Nacional, em 1996, apenas 12% das prisões efetuadas foram de menores. Além disso, de acordo com a Corte Suprema, em 1995, apenas 19% dos casos eram de infratores jovens.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> Encuesta de Hogares de Propósitos Múltiples (EHPM), Dirección General de Estadística y Censos (DIGESTYC), 2003.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> “Estrategia Preliminar para la Prevención de la Violencia en Cinco Municipios del Area Metropolitana de San Salvador”, apresentada ao Banco Mundial, por SACDEL, em junho de 2003. Disponível em: [http://www.sacdel.org.sv/html/docs\\_violencia/estrategia.doc](http://www.sacdel.org.sv/html/docs_violencia/estrategia.doc).

<sup>4</sup> Membro de *pandilla* ou *mara*.

<sup>5</sup> De acordo com um relatório anual, de maio de 1994, do Alto Comissariado Para Refugiados, da ONU, a população salvadorenha no México, Belize e no restante da América Central é de 245.000 pessoas, e estima-se que um milhão de salvadorenhos tenham imigrado para os Estados Unidos, Canadá e Austrália.

<sup>6</sup> As gangues salvadorenhas assimilaram símbolos, nomes e aspectos culturais de algumas gangues de Los Angeles, que possui um grande número de imigrantes salvadorenhos. Após o fim da guerra civil, alguns desses membros foram deportados para El Salvador, um fato que levou muitos a atribuir a isso o surgimento das gangues em El Salvador.

<sup>7</sup> Smutt, M. y Miranda, J. (1998). *El fenómeno de las pandillas en El Salvador*. San Salvador, El Salvador: UNICEF, FLACSO.

Apesar disso, o sentimento geral do fenômeno das *maras* foi muito negativo. Em várias pesquisas de opinião desse período, um setor considerável da população viu a proliferação das *pandillas* como o principal problema do país — mais até do que a pobreza e o desemprego. O governo federal reagiu endurecendo as punições para membros de *maras*. Em 1995, a Assembléia Legislativa ratificou a Lei de Delinquência Juvenil, uma medida especial direcionada a crianças em conflito com a lei, e foram também criados os Tribunais Juvenis. Ao mesmo tempo, um grupo paramilitar chamado Sombra Negra surgiu e foi acusado de matar pelo menos 13 *pandilleros* entre 1994 e 1996.<sup>8</sup>

### Atores Envolvidos

Em El Salvador há dois tipos de gangue: de estudantes e territoriais. Este estudo vai se concentrar exclusivamente sobre as gangues territoriais.<sup>9</sup> Esses são grupos formados por jovens “com um sentimento básico de grupo e que funcionam como um grupo, exercendo em geral controle territorial sobre bairros e áreas pobres (*colonias*) da cidade”.<sup>10</sup> Em El Salvador, há duas gangues territoriais principais, a *Mara Salvatrucha 13* (MS) e a *18* ou *Barrio 18*. Existem outros grupos, mas a maioria dos membros de gangue é encontrada nesses dois. A origem dessas *maras* se encontra fora da América Central, nos Estados Unidos. Como Cruz e Portillo explicam: “No início dos anos 80, com a imigração maciça de salvadorenos para Los Angeles, outra *mara* surgiu, chamada *Salvatrucha* por causa da origem [geográfica] de seus membros e para chamar atenção sobre seu caráter étnico diferente da diversidade dos membros da *Calle 18* [...] A *Salvatrucha* não começou como uma resposta hostil a *Calle 18*, mas como um grupo culturalmente distinto, diferente das outras gangues”.<sup>11</sup>

Estudos têm demonstrado que o crescimento e a influência das gangues norte-americanas sobre as *pandillas* salvadorenhas não são determinantes. As *pandillas* começaram devido a uma soma de fatores que tem a ver com a longa história de violência em El Salvador.<sup>12</sup>

De acordo com registros da Polícia Civil, há 309 *clikas* — a unidade básica da *pandilla* — agindo nos 14 departamentos<sup>13</sup> que formam o país, embora exista uma alta concentração delas na capital. *Maras* e *pandillas* agem principalmente em cinco municípios do departamento de San Salvador: San Salvador, Apopa, Soyapango, Ilopango e Mejicanos.<sup>14</sup> Ambos os grupos cobertos por este estudo agem em todos esses municípios, onde controlam as *colonias*. As *maras*, rivais, são territorialmente misturadas entre si e sua área de controle e dominação não se expande além da *colônia*.

Os cálculos sobre o número de jovens envolvidos com gangues mudam de ano para ano. Em 1996, a polícia estimava que, pelo menos 20.000 jovens em El Salvador, eram membros de

<sup>8</sup> “Denuncian 51 asesinatos de menores y jóvenes en Honduras”, *La Opinión*, April 27 2003. Disponível em: <http://www.laopinion.com/print.html?rkey=00030426205101221874>

<sup>9</sup> As gangues territoriais costumam ser chamadas de *maras*, embora as palavras *mara* e *pandilla* sejam usadas de forma intercambiável.

<sup>10</sup> Cruz, J.M. (1999) “Maras o pandillas juveniles: mitos sobre su formación e integración”. In Martínez Peñate, O. (Coord.) El Salvador. Sociología general. Realidad nacional de fin e siglo y principio de milenio. San Salvador, El Salvador. Editorial Nuevo Enfoque.

<sup>11</sup> Cruz, J. M. y Portillo, N. (1998) *Solidaridad y violencia en las pandillas del gran San Salvador. Más allá de la vida loca*. San Salvador, El Salvador: UCA Editores, pp. 56-57.

<sup>12</sup> No estudo *Solidaridad y violencia en las pandillas del gran San Salvador* (ver a referência prévia do autor) apenas 16,3%, de um grupo de 1.025 membros de gangue, afirmaram ter estado nos EUA e apenas 15,5% disseram que mantinham contato com membros de gangues EUA.

<sup>13</sup> Os departamentos são zonas distintas, administrativa e geograficamente, em El Salvador.

<sup>14</sup> De acordo com o *Sistema de Asesoría y Capacitación para el Desarrollo Local (SACDEL)*, citado em *El Diario de Hoy*, 24/07/03.

gangues de rua.<sup>15</sup> Em abril de 2003, a polícia contou à imprensa que havia 5.768 jovens em gangues.<sup>16</sup> O vice-diretor geral da Polícia Civil, Pedro Ganzález, disse numa entrevista, em agosto de 2003, que havia 10.500 *pandilleros* em El Salvador.<sup>17</sup> A dificuldade para calcular o número de *maras* se deve a uma série de fatores. Primeiro, há pelo menos três estágios de envolvimento: *ativos*, que são membros formais; colaboradores, que não são membros oficiais, mas muito próximos ao grupo; e *calmados*, que receberam permissão para cessar sua participação nas atividades do grupo. As estimativas não distinguem membros de acordo com essas categorias. A mobilidade das *maras* é também uma variável constante, que muitas vezes não é levada em conta. Não se sabe quantos têm participação ativa, quantos são *calmados*, quantos morrem e quantos emigram para os Estados Unidos ou para outros lugares. Essas são categorias que variam a cada mês.

Com base numa análise de dois estudos sobre *maras*, realizados num intervalo de quatro anos,<sup>18</sup> pode-se identificar as principais características dos grupos. A razão mais importante para ingressar numa *mara* apresentada pelos entrevistados foi o *vacil*,<sup>19</sup> com 40% dos entrevistados identificando-a como razão principal de seu ingresso. A seguir, vieram “problemas de família”, com 21% dos entrevistados alegando-os como razão principal para ingressar, e “amigos”, listado por 20%. A palavra *vacil* tem a ver com ganhar respeito e poder, instilando medo nos outros. Obviamente, apenas a combinação de alguns fatores — entre os quais se encontram poder, recursos econômicos, acesso a drogas e álcool, visibilidade social e uma ideologia que justifique certas ações — fornece uma explicação adequada para os motivos do ingresso.

Em média, os jovens entram aos 15 anos, com 51,9% dizendo que ingressaram com idades entre 11 e 15 anos e 46% entre os 16 e os 25. A maioria dos *pandilleros* não está na escola (75% em 1996 e 92,3% em 2000). Os entrevistados haviam completado uma média de oito anos apenas de educação formal, insinuando que foram expulsos ou abandonaram a escola. O índice de desemprego entre jovens envolvidos com gangues é também alto. Em 1996, cerca de 75% dos *pandilleros* não estavam empregados; o índice caiu para 66,6% em 2000. A situação econômica dos jovens de gangue empregados é instável, já que 45% deles estão em trabalhos temporários. A participação em gangues é muitas vezes associada a crianças que foram abandonadas ou vivem nas ruas. Na realidade, uma grande porcentagem vive com ambos os pais: em 1996, ela respondia por 25% de todos os *pandilleros* entrevistados, subindo para um terço dos entrevistados de 2000. Vinte e cinco por cento moram com a mãe. Em termos gerais, esses jovens vivem com um ou ambos os pais ou com um membro próximo da família.

### Estrutura de comando

De acordo com a Comissão Salvadorenha Ante-Droga, dentro das *maras*, um líder é responsável pela organização em nível nacional. Esse líder mantém contato com colegas no Estados Unidos e com o crime organizado. Abaixo, na hierarquia, está o “líder de zona”, que é responsável por duas ou três *clikas*, seguido de um membro encarregado de uma *clika* particular, que controla os membros de certos bairros, ruas, praças ou parques. Este último

<sup>15</sup> Cruz, J. M. and Portillo, N. (1998), op. cit.

<sup>16</sup> *La Prensa Gráfica*, 20/04/03.

<sup>17</sup> *El Diario de Hoy*, 03/08/03.

<sup>18</sup> Santacruz, M. y Concha-Eastman, A. (2001). *Barrio Adentro. La solidaridad violenta de las pandillas*. San Salvador, El Salvador. Talleres Gráficos UCA and Cruz, J. M. and Portillo, N. (1998), op. cit. Todos os dados nesta seção provêm desses estudos.

<sup>19</sup> A palavra *vacil* significa “por brincadeira” e incorpora todos os benefícios de se ser um *pandillero*, que podem ser resumidos em duas palavras: respeito e poder, relacionado ao medo imposto aos outros. Só entendendo a combinação desses benefícios (econômico, acesso a drogas e álcool, visibilidade social e uma ideologia que justifica suas ações), pode-se compreender as razões por quê os jovens salvadorenhos ingressam em *maras*.

coordena alguns grupos dentro da *pandilla* como: o grupo de recrutamento; o batalhão de “choque” que defende o território da gangue; o grupo “delinqüente” responsável pela organização de extorsões, roubos, furtos, tráfico de drogas e assim por diante; e grupo de “informação”, que monitora a polícia e produz propaganda.

Essa estrutura não é comum a todos os grupos. Por exemplo, de acordo com membros entrevistados para este estudo, não existe processo de recrutamento. Entretanto, as *maras* possuem níveis de organização muito bem estruturados, e o chefe, para alguns grupos, é muito importante.

Os membros que estão na prisão, incluindo muitos dos líderes, têm uma influência significativa sobre os membros que estão fora e vice-versa. Estar dentro ou fora da prisão não é uma barreira para exercer o papel de membro dentro da organização. De acordo com estudos citados anteriormente,<sup>20</sup> o número de membros jovens que já passaram algum tempo encarcerados subiu de 66,6%, em 1996, para 74,3% em 2000. Entre os jovens de 18 anos ou menos, à época do estudo, 54% disseram que haviam estado em algum centro de reabilitação juvenil. O grande número de membros de gangue nas prisões (21% do total da população carcerária) significa que, desde 2001, a Direção de Centros Penais vem separando os membros da MS e da Calle 18 para evitar motins, mortes e feridos.

Desde a aprovação da Lei do Menor Infrator, em março de 1995, o Instituto Salvadorenho Para o Desenvolvimento Integral da Criança e do Adolescente (ISNA em espanhol)<sup>21</sup> já processou um total de 10.067 jovens por vários delitos criminosos. Destes, 1.324 correspondem a homicídios ou 13,15% de todos os casos. Além disso, de acordo com reportagens na imprensa, 50,7% correspondem a roubos/furtos e 9,13% à venda ou fabricação de armas e explosivos; 6,63% por posse/venda de drogas e 8,18% por estupros/delitos sexuais e outros.<sup>22</sup> A mídia tem comentado sobre a farta disponibilidade de armas nos centros de reabilitação, a fabricação e a venda de drogas e sobre fugas facilitadas pelos funcionários da prisão.

### Relações com a comunidade

Nem todas as comunidades são afetadas pelo problema das *maras* no mesmo grau. Em alguns casos, os grupos dominam a comunidade e a polícia só entra durante as grandes operações. De acordo com um levantamento conduzido em três municípios, próximos à área metropolitana de San Salvador (dois com forte presença de gangues e um sem), 80% dos moradores nas comunidades onde há *maras* dizem que nunca tiveram problemas com elas.<sup>23</sup> Um morador de Soyapango comentou que os *pandilleros* não roubam de membros da comunidade e que “agora estabeleceram uma espécie de trégua com os membros da comunidade, que decidiram não ir mais à polícia [...] Talvez por causa disso [...] eles nos deixam em paz”. O mesmo não acontece com os que não são moradores, que se tornam com frequência as vítimas principais das gangues, quando chegam nas comunidades.

### Papel do Estado

Em julho de 2003, o presidente de El Salvador, Francisco Flores, anunciou o começo do plano Mão Dura (também discutido na Parte III). O objetivo era o “desmembramento das *pandillas* e o encarceramento de seus membros”<sup>24</sup> com participação da Polícia Civil e das Forças Armadas. Menos de dois meses após o lançamento da iniciativa, 2.483 *pandilleros*

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Até recentemente conhecido como Instituto Salvadorenho de Proteção ao Menor (ISPM).

<sup>22</sup> *El Diálogo de Hoy*, 01/10/03

<sup>23</sup> “Maras y Pandillas en Centroamérica Vol. II. Pandillas y Capital Social”, no prelo. Resultados de El Salvador já foram lançados: Cruz, J.M. (2001): “Pandillas y capital social”. Estudios Centroamericanos (ECA), pp. 637-638, 1099-1118.

<sup>24</sup> Discurso do presidente Flores em 23 de julho de 2003. Disponível em <http://www.casapres.gob.sv/dis03jul8.htm>

havia sido detidos e 84.491 operações foram realizadas, incluindo patrulhamento permanente das áreas onde há atividade de gangues, remoção de pichações, coleta de informações, revista de veículos e assim por diante. Vinte e oito por cento dos detidos tinham menos de 18 anos.<sup>25</sup>

Os jovens salvadorenhos não foram integrados ao sistema político e não houve progresso significativo na criação de oportunidades políticas e econômicas para a juventude do país. Por exemplo, no orçamento nacional não há qualquer categoria reservada para os jovens. A única instituição que apóia significativamente jovens em risco é o ISNA.<sup>26</sup> Existe falta de financiamento para as políticas relacionadas aos jovens e para projetos em pequena escala, que buscam soluções em nível local, no orçamento do Ministério da Educação e do Departamento de Gestão de Empregos, do Ministério do Trabalho e da Previdência Social. As únicas mudanças notáveis na política do governo ocorreram no sistema legal, com a criação de tribunais especiais para menores.

Da mesma forma que a falta de uma política para os jovens é crítica, a capacidade investigadora da polícia e os esforços contra a corrupção também o são. Os testemunhos de *pandilleros* afirmando que a polícia se beneficia economicamente de sua relação com as gangues são muitos

*Já vi eles usando droga e pedindo dinheiro em troca da liberdade de alguém...*

- Membro da gangue Barrio 18.

Esse tipo de comportamento faz crescer um sentimento generalizado de insegurança, já que a polícia não é mais vista como garantia de ordem e justiça, devido a seu envolvimento com os crimes de gangue. A desconfiança em relação à polícia é disseminada.

### **Comércio legal e ilegal: atividades em que os grupos estão envolvidos**

*Pandillas* e *maras* se encontram, na maior parte, envolvidas com atividades criminais, as mais comuns sendo tráfico e consumo de drogas, roubos e assaltos.<sup>27</sup>

Há níveis muito altos de dependência entre os membros jovens de gangue. A maconha é a droga mais comumente usada, com 41,5% dizendo que a usam regularmente (todo dia), seguida pelo álcool (35,9%) e o *crack* (25,8%).<sup>28</sup>

Alguns *pandilleros* também distribuem e vendem drogas. Há necessidade de maiores estudos para se concluir se isso se limita à iniciativa individual de alguns membros ou se é uma atividade fundamental da gangue. Algumas *pandillas* estão mais envolvidas com o crime

organizado, embora não seja possível fazer essa generalização para todas as gangues. Entretanto, nos próximos anos, é provável que as ligações entre gangues e crime organizado se reforcem.

### **Confrontos armados**

De acordo com o presidente Flores, as gangues matam uma média de 100 pessoas por mês.<sup>29</sup> O vice-diretor geral da Polícia Civil, Pedro Gonzáles, disse à imprensa que as “*pandillas* são responsáveis por mais de 60% dos homicídios em El Salvador, além de responsáveis também por 50% dos outros crimes, leves e sérios”.<sup>30</sup> Entretanto, não há dados institucionais

<sup>25</sup> Departamento de informação da Polícia Civil Nacional. Informação disponível em: <http://www.pncelsalvador.gob.sv/noticias/2003/mano230903.htm>

<sup>26</sup> Em 2003, o ISNA recebeu US\$ 4 milhões para realizar seu trabalho, o que representa 0,5% do orçamento total do país (Carranza, 2003).

<sup>27</sup> Santacruz, M. and Concha-Eastman, A. (2001), op. cit.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Discurso do presidente Flores. Op. cit.

<sup>30</sup> *El Diario de Hoy*, 03/08/03.

que respaldem essas declarações. Dados do Instituto de Medicina Legal Dr. Roberto Masferrer mostram que, em 2000, houve 1.932 homicídios atribuídos a armas de fogo no país. Quando eles são classificados de acordo com o motivo, parece que as *maras* são responsáveis por 8,2% desses homicídios.<sup>31</sup> Embora o motivo de uma grande porcentagem (46,5%) de homicídios não seja conhecido, esses dados não sustentam a afirmação de que membros de gangue são responsáveis pela maioria dos homicídios em El Salvador.

No estudo citado acima,<sup>32</sup> os *pandilleros* disseram que a maioria (63,2%) dos confrontos armados em que se envolvem são com gangues rivais. Quase 20% disseram que a agressão armada foi cometida, na maior parte, contra “pessoas na rua” durante roubos (56,4%). Nove por cento dos jovens entrevistados disseram que haviam cometido um ato de agressão contra a polícia, destes 55,9% disseram que assim o fizeram em defesa própria.<sup>33</sup> Vinte e cinco por cento dos menores e dos com 18 ou mais disseram que “nunca” haviam matado alguém, o que sugere que um número significativo de membros realmente nunca o fez.<sup>34</sup> Quando os membros de gangue ficam mais velhos, os atos de violência cometidos tendem a se tornar mais sérios. Isso está relacionado ao fato de que os membros mais velhos andam muitas vezes armados.

Para se compreender a proliferação de armas de fogo em El Salvador, é importante observar que o registro de armas de fogo só foi criado em 1992. Desde então, tem havido um aumento do número de armas em circulação, assim como do número de empresas que importam armas de fogo, de lojas que as vendem, do número de empresas privadas de segurança e da demanda geral por armas. Pesquisas mostram que há no país aproximadamente 450.000 armas de fogo em circulação, das quais apenas 38,7% são legalmente registradas. O restante são armas consideradas como sobras da guerra civil ou obtidas no mercado negro.<sup>35</sup>

As *pandillas* parecem também desempenhar um papel no mercado de armas ilegal. De acordo com testemunhos, os principais responsáveis pelo mercado de armas são traficantes internacionais, oficiais do exército de escalão médio e baixo, membros da polícia civil e de gangues. Além disso, tem havido a proliferação das armas de fogo de fabricação caseira, usadas pelas gangues.<sup>36</sup>

O estudo *Barrio Adentro* inclui uma descrição detalhada do tipo de armas usado por membros de *pandillas* e *maras*, assim como um perfil de suas vítimas. Em geral, estima-se que sete entre cada 10 *pandilleros* estejam armados. Em 2000, a arma mais comum carregada pelos membros era a pistola, com 37,7% dizendo que tinham uma (aumentando para 41,8% entre os membros homens); 26,4% disseram que carregavam arma que não era de fogo (aumentando para 64% entre os membros mulheres), 20,2% dos entrevistados disseram que possuem uma arma de fabricação caseira e o restante disse que tinha explosivos, rifles e outras armas. Um pouco mais de 47% dos que carregavam arma disseram que a compraram na rua, 23,8% disseram que havia sido presente de amigos, 16,4% disseram que a tinham roubado e apenas 7,7% disseram que haviam comprado legalmente. O restante citou outras razões.<sup>37</sup>

A maioria dos atos violentos envolvendo arma de fogo cometida por membros de gangue visava a outras pessoas. Dos membros entrevistados, 63,2% disseram que o último ato de violência em que estiveram envolvidos foi contra membro de uma gangue rival; 19,4% disseram que visava a uma pessoa na rua; 9,9% disseram que foi contra um membro da própria comunidade e apenas 3,6% disseram que visavam à polícia.<sup>38</sup> Esses dados coincidem com os

<sup>31</sup> PNUD, 2003. P. 179.

<sup>32</sup> Santacruz, M. y Concha-Eastman, A. (2001). *Barrio Adentro. La solidaridad violenta de las pandillas*. San Salvador, El Salvador. Talleres Gráficos UCA and Cruz, J. M. and Portillo, N. (1998), op. cit.

<sup>33</sup> Santacruz, M. and Concha-Eastman, A. (2001), op. cit.

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> Ibid., p. 59.

<sup>36</sup> Ibid., p. 71.

<sup>37</sup> Ibid., p. 71.

<sup>38</sup> Ibid. p. 84.

dados de vitimização. Quase metade dos jovens entrevistados disse que havia sido vitimizado por membro de uma *pandilla* rival; três entre cada 10 membros disseram que haviam sido vitimizados por membro da polícia; 10,6% disseram que tinham sido vítimas de agressão por um indivíduo; e 6,6% por um membro da própria *mara* ou *pandilla*.<sup>39</sup> De cada 10 membros de gangue homens, seis haviam sido feridos por arma de fogo, em pelo menos uma ocasião, no ano anterior. Três entre cada 10 membros mulheres haviam sido feridas por arma de fogo no mesmo período. Esses dados enfatizam a precariedade da vida de gangue.<sup>40</sup>

## II. PERFIS DE COAV

### Histórias de Família

Os jovens envolvidos com *maras* e *pandillas* não tiveram muitas vezes suas necessidades econômicas, emocionais e de segurança satisfeitas no lar. Na maioria dos casos, as mães e os pais biológicos dos entrevistados não residiam com suas famílias. Os que tiveram uma figura de pai como referência consideravam sua responsabilidade principal a de fornecer apoio econômico. Assim, grande parte dos conflitos entre os entrevistados e seus pais envolvia questões econômicas. Por outro lado, as mães inspiravam confiança e respeito, embora sua presença física fosse limitada no caso de muitos entrevistados. Um jovem (Entrevista 8) disse, “[Minha mãe] só trabalha e trabalha, [então eu morava] com minha avó [...] Eu não via ela muito, às vezes por meses”. Na maioria dos casos, os entrevistados foram criados pelas avós ou declararam ter crescido com pouca ou nenhuma supervisão de adultos. Um dos relacionamentos mais violentos registrado nas entrevistas foi entre um membro de gangue do sexo feminino e seu padrasto. Na Entrevista 11, outro membro disse que havia sofrido abusos: “se o teu padrasto quer abusar de você [...] você conta pra tua mãe, mas ela não acredita em você [...] É, isso aconteceu comigo”. O relacionamento entre os entrevistados e seus irmãos era também violento em alguns casos. Isso acontecia muitas vezes devido a problemas relacionados com álcool e outras drogas. Como um *pandillero* comentou, “É, meu irmão, ele também gostava de um cachimbo. Uma vez, ele ficou doído e me acertou com um facão”. Para outros membros de gangue, os irmãos são as únicas pessoas em quem confiam, em especial se são mais velhos e vivem sozinhos.

A maioria dos *pandilleros* completou apenas o nível básico. De todos os entrevistados, apenas um não sabia ler e escrever. O restante havia ido além do terceiro ano, com alguns completando o sétimo e até mesmo o segundo grau. Outros tinham uma história de mau comportamento, repetição de ano, problemas escolares e de conflitos envolvendo professores e colegas. Alguns, pelo contrário, nunca haviam repetido uma série escolar, gostavam de estudar e tinham um relacionamento positivo com professores e colegas. Ao tempo das entrevistas, todos exceto um haviam abandonado a escola. A maioria, ao ingressar na gangue; outros, um pouco antes ou logo após o ingresso.

A situação econômica dos entrevistados variava. Em geral, os membros da família trabalhavam no setor de serviços e no comércio e, à época das entrevistas, a maioria dos familiares adultos dos entrevistados estava empregada, embora apenas dois houvessem completado curso universitário. A atividade econômica das mães dos entrevistados variava, estando muitas informalmente empregadas. Pais e padrastos trabalhavam, em geral, como mecânicos ou em vendas. A maioria dos *pandilleros* possuía algum tipo de aprendizado em mecânica, carpintaria, solda, pintura etc. Entretanto, nenhum deles continuou a trabalhar nessas áreas. À época das entrevistas, apenas três estavam empregados; muitos citaram as políticas antegangue do país como razão de porque preferiram evitar o risco e trabalhar.

---

<sup>39</sup> Ibid. pp.94-5.

<sup>40</sup> Ibid., p. 89.

### Processo de envolvimento

O processo de envolvimento identificado durante as entrevistas está intimamente ligado ao forte desejo, por parte do jovem, de pertencer a uma *mara*. Certamente que, participar de uma gangue, envolve uma série de aptidões, habilidades e benefícios para seus membros.

Problemas de família, em especial aqueles que têm a ver com a falta de comunicação, juntamente com a desintegração familiar e a violência, foram fatores importantes na decisão dos entrevistados para ingressar em gangues. Quando os laços de família são fracos, eles são muitas vezes substituídos pelos laços com a *pandilla* e com outros *pandilleros*.

*Bem, eu senti que tinha mais comunicação com todos eles {membros da gangue} do que em casa; eu ia pra casa e tinha alguém lá, mas eu ia pro meu quarto, via televisão, ouvia música, comia, dormia e, no dia seguinte, ia embora; não conversava com ninguém.*

Entrevista 5

Quando as crianças brincam na rua, elas vêem os membros de gangue parados nas esquinas como modelos a serem seguidos. Essa forma de atração é conhecida como “alucinar”, já que cria entusiasmo por parte das crianças pelo grupo.

*Quando eu brincava, eu via os caras grandes por ali... Quando eu ia pra escola, eu juntava uns garotos e a gente fazia umas maluquices. Eu não tinha tatuagem nem nada, [eu estava apenas] “alucinado” com a 18...*

Entrevista 2

O primeiro contato com uma *pandilla* se deve muitas vezes a perseguições por uma gangue rival na infância. Isso causa ressentimento e raiva, ambos fundamentais para a decisão de participar.

*Porque toda vez que eu ia pra escola [...] quando eu ia pras máquinas de videopôquer, eles me roubavam, e eu fiquei tão cheio disso que falei vou entrar pra 18, e eles vão me pagar...*

Entrevista 2

A afiliação a uma gangue não é automática e nem determinada pelo simples controle, ou pela presença, de uma gangue numa zona em particular. Ela geralmente ocorre através da amizade que a criança tem com um *pandillero*, muitas vezes na escola. Como disse um membro (Entrevista 5), “aos 12 anos, eu conheci uns caras que estavam nisso, e eu comecei a ir até as *colonias* onde eles moravam”. Outro fator para a decisão de ingressar numa gangue ocorre quando a criança observa seus membros nas esquinas. De acordo com o *pandilleros* da Entrevista 4, “Primeiro eu me aproximei deles. Tinha uma esquina em que os *pandilleros* do meu bairro ficavam”.

Comum na narrativa dos entrevistados foi o fato de que, no princípio, alguns dos membros de gangue tentavam convencer os jovens a não ingressar. Curiosamente, isso tinha o efeito contrário e levava os entrevistados a se tornarem ainda mais insistentes na ânsia de participar.

Durante o período “vacilando” (acompanhando), as crianças intensificam o contato com a gangue. Os recrutam passam todo o tempo nela, embora não sejam ainda membros formais. Continuam também a morar em casa, apesar de irem lá muitas vezes apenas para dormir.

Com o tempo, os *pandilleros* convidam os que estão “vacilando” para ir a bailes. De acordo com o membro de gangue da Entrevista 1, “Ah!! A gente ia brincar nos bailes, encher o saco dos mesmos caras, é como uma família”. Ingerir álcool e fumar maconha (“mota”) são um

elo comum entre diversão e comportamento criminoso. Muitos dos jovens entrevistados disseram que, a primeira experiência de consumo de substâncias ilegais, foi quando estavam acompanhando uma *pandilla*.

Com o aumento do contato, os jovens começam a descobrir outros benefícios de acompanhar os membros da gangue. Primeiro, eles precisam avaliar os benefícios de pertencer à gangue no que diz respeito à própria segurança, já que as *pandillas* representam uma combinação de segurança e insegurança. Embora um *pandillero* tenha mais probabilidade de ser vítima de ataques por membros de gangue rivais, a *pandilla* fornece proteção e apoio. Nesse estágio, unidade e amizade são fundamentais. Os jovens muitas vezes sentem que a *pandilla* é como uma família, na qual cada um olha pelo outro. Um entrevistado explicou que “se alguma coisa acontece pra um cara, acontece pra todos... a gente realmente toma conta um do outro”.

Um segundo fator que conta na decisão dos jovens de se tornarem envolvidos com gangues é a facilidade com que seus membros obtêm bens materiais. Isso contrasta com a escassez de bens de consumo nos lares da maioria dos jovens de bairros pobres. Eles ficam surpresos com o acesso fácil que os *pandilleros* têm aos recursos, mesmo sabendo que são obtidos ilegalmente. O *pandillero* da Entrevista 4 explica, “Uma manhã, eu estava com eles, olhando o que eles faziam, ‘Vamos sair pra conseguir alguma coisa’, eles disseram e saíram, e voltaram com dinheiro”.

Por fim, os membros de gangue em potencial avaliam se têm coragem para ingressar. Uma expressão fundamental na gíria das *pandillas* que descreve isso é *agarra cora*<sup>41</sup>, que significa alguma coisa entre ter coragem e viver a vida de gangue “de coração”. Algumas das experiências anteriores ao ingresso têm a ver com enfrentar o medo. Por exemplo, alguns jovens descreveram ter usado armas antes de entrar para a gangue ou colaborado num roubo.

Após decidir que a gangue proporciona benefícios com relação à segurança pessoal e ao acesso a bens materiais, e que ele ou ela tem a coragem necessária para ser *pandillero*, os jovens recrutados em potencial se identificam cada vez mais com o grupo. Isso inclui a adoção dos sinais distintos que caracterizam uma *pandilla* em particular, como a maneira de se vestir e falar. O jovem se encontra então pronto para entrar formalmente na gangue. “[Eles me disseram] ‘A gente vê que você anda por aí louco. Você quer pertencer ao *Barrio*?’ Porque eles viram que eu tinha começado a usar roupa larga”, explicou um membro de gangue na Entrevista 4.

### Envolvimento atual

A incorporação formal do jovem numa *pandilla* envolve uma iniciação descrita pelos membros como “brincadeira”. Em geral, três ou quatro deles batem no novo membro por um determinado tempo.<sup>42</sup> A decisão final de ingressar na gangue pertence ao indivíduo.

*A culpa [por ter entrado na gangue] talvez meu pai tenha parte nela, mas eu tenho mais culpa, porque eu podia ter tomado outro caminho, se eu não tinha nada pra fazer, podia ter procurado um emprego, qualquer coisa...*

Entrevista 12

Nesse estágio, há um rompimento definitivo com a família ou um profundo distanciamento emocional dela. A experiência “familiar” proporcionada pela gangue é intensa e, a partir desse ponto, os membros se tornam mais colegas que civis. Os outros “amigos” se tornam irmãos (ou irmãs), e há um forte elo que envolve compartilhar experiências.

<sup>41</sup> Essa expressão também descreve a natureza dinâmica do relacionamento com a *pandilla*. As pessoas não “têm” *cora*, mas a “adquirem”. Assim a *pandilla* assume o controle sobre os sentimentos e a força de vontade do jovem.

<sup>42</sup> Por exemplo, se eles pertencem a *Barrio 18*, a surra dura 18 segundos.

*Eu brincava por aí e tomava conta da minha família [...] depois eu falei com a minha mãe e contei pra ela que esse era o caminho que eu tinha escolhido e ela me deixou seguir.*

Entrevista 5

**Confiança total do grupo no indivíduo:** quando ainda são civis (isto é, os que não são membros de gangue), as crianças são excluídas de algumas das comunicações que se desenrolam dentro da *pandilla*. Nas reuniões, por exemplo, os membros tomam decisões que não envolvem os civis. De acordo com um entrevistado: “Quando você ainda está só acompanhando a gangue, não existe muita confiança em você. Mas quando você está nela, tudo que é dito permanece lá”.

**Obedecendo a uma série de restrições e regras dentro da gangue:** as *pandillas* possuem regras claras quanto ao respeito e aos padrões comportamentais que os membros devem observar. “Você só pode... fumar maconha... só isso, mas nada de crack, nem cola, nada! Nem mesmo diluente de tinta!” explicou um entrevistado.

**Não tem volta a decisão de participar:** os que entram na gangue devem fazê-lo definitivamente. Essa é a razão dos membros em perspectiva serem avisados para “andar na linha” com a gangue. Se alguém se arrepender da decisão de ingressar, “lê-se o livro” para eles — um lembrete dos compromissos assumidos na iniciação e um aviso de que gangues não são um jogo, em que os membros podem entrar e sair. Às vezes, punições como o “minuto louco” (no qual os *pandilleros* batem num membro por um minuto) ocorrem.

*Desde os nove anos eu vinha andando com as gangues, mas aos dez, decidi entrar... Depois, quando eu vi como era sério, eu fiquei com medo e eu não saía de casa, e durante três meses eu não tomei parte. Depois disso, eles leram o livro pra mim e eu passei pelo minuto louco.*

Entrevista 2

**Conhecimentos e treinamento intensivo:** há um período de aprendizado acelerado que envolve saber como lidar com as situações e com o tipo de pessoas que se pode encontrar quando se é parte de uma *pandilla*. “A escola” é um manual mental sobre como reagir quando se cometem atos ilegais ou em caso de “desentendimento” com outras gangues. Eles também treinam seus membros para como reagir se forem presos pela polícia, por causa de drogas ou armas.

**As missões** são ações executadas pelos membros mais capazes. Uma vez recebida, a missão deve ser executada sem questionamento. Em alguns casos, a missão pode ser assinalada após a iniciação, como forma de iniciar a participação na gangue. Se for bem executada, o *pandillero* recebe um nome novo e permanente, que é dado para enfatizar sua coragem. A maioria das missões descritas durante as entrevistas envolvia realizar emboscadas em território inimigo.

*“Agora você tem que ir numa missão pra ganhar um codinome”. “Claro”, eu disse. Eles escolheram eu e um membro mais velho. A missão era atirar na gangue rival. Eles me deram a arma.*

Entrevista 4

Entretanto, vários entrevistados disseram que só receberam uma missão muito tempo depois do ingresso ou que ela não envolveu o porte de armas. O membro de gangue da Entrevista 10 disse que, “É, fazer serviços, é... Comprar fralda descartável para uma filha [...] ou só comprar três ou cinco dólares de maconha”.

**As tatuagens** são uma expressão simbólica de participação na gangue. Ao mesmo tempo, elas expressam uma transformação pessoal em que a morte é compreendida como uma possibilidade distinta. As primeiras são em geral no peito ou no antebraço; mais tarde, nos braços e no rosto. Chegar a esse extremo significa disposição total para morrer pelo bairro ou pela *pandilla*. Não há mais volta à vida pré-gangue e nenhuma alternativa para ela. “Na rua, tatuado na cara [...] eles podem chegar até você de qualquer lugar e te matar”, disse um membro de gangue na Entrevista 5.

O **palabrero** é a principal figura de autoridade, aquela que dá a “palavra”<sup>43</sup> dentro da gangue. A relação entre um *palabrero* e um jovem pode começar até antes da sua incorporação à gangue. Ao acompanhar os membros da gangue antes de ingressar, o *palabrero* pode pedir favores a ele, que são pagos de alguma forma. Dentro da *pandilla*, a relação entre o *palabrero* e os membros é afetuosa, quase igual a de um pai com o filho. Ele é um mentor e está próximo aos jovens da gangue. Vários tipos de benefícios materiais podem ser recebidos:

*A mulher do palabrero me trouxe coisas dos Estados Unidos, já que ela ia lá de três em três meses, sapato e roupa. Eu tava morando o tempo todo com eles.*

- Entrevista 7

Nas gangues em que os membros estão envolvidos com a venda de drogas e que o *palabrero* é o administrador, sua liderança é quase total. Nesses casos, os lucros com a droga não são pessoais, mas para o grupo como um todo. De acordo com os entrevistados, o *palabrero* fica com a maior parte do lucro, pagando pequenas quantias aos outros membros, em especial se são bons traficantes. A estrutura organizacional de uma *pandilla* parece favorecer a exploração dos membros jovens, com os benefícios ficando nas mãos do *palabrero*.

É importante observar que nem todas as gangues estão envolvidas com venda de drogas. Em alguns casos, a decisão de vendê-las é individual. Nesses casos, a liderança do *palabrero* é mais difusa.

Os **banderos** são membros de grupos do crime organizado (*bandas*), considerados perigosos e bem armados. Eles são traficantes de drogas, armas ou carros roubados e estão também envolvidos em círculos de seqüestradores. Podem ser aliados ou inimigos das gangues, dependendo do relacionamento que mantêm com uma gangue em particular. Há casos em que *banderos* assassinaram *pandilleros*; “Eles andavam com os do 18, mas depois que eles mataram um dos nossos, a gente começou a brigar”, disse um membro de gangue na Entrevista 2. De acordo com membros de gangue, os *banderos* estão em cumplicidade com a polícia, daí se beneficiarem de um alto nível de impunidade.

Q: *Os policiais sabem quem é bandero ou transero?*

A: *Sabem. Porque eles arranjam drogas pra eles.*

Os **transeros** são distribuidores de drogas cuja relação com *maras* e *pandillas* é puramente comercial. Membros de gangue só se aproximam deles quando precisam de drogas para vender. Em nenhuma das entrevistas, eles mencionaram disputas ou dificuldades com os *transeros*, que parecem ser seus aliados esporádicos.

---

<sup>43</sup> Toma as decisões.

Os *piperos* são viciados em *crack* que vivem nas comunidades onde as *maras* agem. Por um lado, os *piperos* são aliados estratégicos que podem ser usados como olheiros quando a polícia chega. “Elas [as gangues] põem os *piperos* pra trabalhar à noite. É, porque se eles pegam os *pandilleros* de noite, mandam eles pro CAM (a polícia metropolitana). Mas não param eles [os *piperos*]”, disse um membro de gangue na Entrevista 6. Ao mesmo tempo, como os *piperos* não são um grupo organizado, as gangues tiram vantagem deles.

*Os piperos vivem roubando... Eu tomo conta da minha zona, porque lá você não pode roubar. Eu vejo eles roubando e dou duro neles, ou mato eles, eles sabem que você não pode roubar aqui, isso são regras. Nós cobramos um dólar por dia deles.*

- Entrevista 2

### Violência armada

“Corriendo el pelo” é a gíria usada por membros de gangue para se referir a um período em que aumentam o número e a intensidade de seus atos criminosos, usando armas de fogo.

Pelo que observamos nas entrevistas, os que tinham estado há menos tempo numa *pandilla* e não haviam atravessado um período de conflito intenso com uma gangue inimiga, ou com outro grupo qualquer, não tiveram possibilidade de usar uma arma de fogo. Alguns declararam claramente que só “os grandões” podiam usar arma de fogo e que eles eram “muito pequenos” para isso. Outro grupo de entrevistados, que também havia passado menos de um ano na gangue, disse

que só tinham usado arma de fogo às vezes, por exemplo, atirando para o alto enquanto andavam com o grupo. Outros disseram que o uso de armas tinha a ver com a capacidade reconhecida de cada um. Nesses casos, o treinamento envolve observar como os outros as usam e praticar em áreas isoladas. Finalmente, alguns entrevistados disseram que haviam sido sistematicamente treinados no uso de armas de fogo, “papas” (granadas de fabricação caseira) e “cantariros” (granadas fabricadas).

*Eles treinam você tipo treinamento policial... Você não faz nada sozinho. E a gente toma conta dos pequenos... Porque a gente sabe que eles são o futuro do bairro!*

- Entrevista 7

Comum a todos os entrevistados foi o fato de que eles tinham mais probabilidade de usar armas de fogo durante as missões; a maior parte da experiência prática ocorria durante esses períodos. Os membros de gangue descreveram as missões como ir para território inimigo, a fim de “apagar” *pandilleros* rivais.

Vários jovens de gangue disseram que os membros podem pedir armas emprestadas à gangue, a fim de dar conta de “assuntos pessoais” que envolvem em geral roubos. Nesses casos, a metade dos ganhos é repassada para a gangue e, se alguma arma for perdida, o membro deve repô-la. “Bem, a arma é só emprestada, mas se você perder, tem que pagar por ela. Claro que, dependendo de quanto você conseguir, você tem que dar metade”, disse um *pandillero* na Entrevista 3.

Um uso comum das armas de fogo é para realizar assaltos e ataques. Quando os transeuntes são rendidos, as armas são usadas para intimidação. “Eu disse pra um cara me dar um *colón* [uma moeda] e ele não deu, então eu puxei a arma”, disse um membro de gangue na Entrevista 3. Mas as armas são também usadas para roubos em grande escala, que envolvem muito planejamento. Esses foram apontados como os momentos em que os jovens de gangue sentem suas vidas mais em perigo.

Das 12 entrevistas conduzidas com crianças e jovens na violência armada organizada, três deles disseram que não haviam matado ninguém nem participado de ações que envolvessem mortes; outros três disseram que, embora tivessem se envolvido nesse tipo de ação, não sabiam

se seu envolvimento havia resultado em mortes; e seis admitiram que tinham se envolvido em vários homicídios. De acordo com esses seis, as vítimas eram membros de gangues rivais. Nesses casos, a idade do membro não importa, mas sim que a missão seja executada sem que a *pandilla* sofra danos ou sem perda de armas.

P: *Quantos anos você tinha quando matou pela primeira vez?*

R: *Treze anos. Me mandaram numa missão. Eu fui com outro garoto pequeno, menor que eu. E eles me disseram: “Você, por ser maior que esse outro, vai ser responsável pelas armas e por ele. Que ele volte bem e vocês voltem com as armas todas. E vocês têm que matar um ou dois.” Nós fomos. Os caras tavam num bar. Eu ofereci um trago a eles. Quando um deles ia beber, ele disse pro outro: “pega aquele”. Só vi que levou um tiro na cabeça. Tinha só nove anos de idade. E ele ainda gritou: “Mamãe, mamãe, eles estão me matando!”. Aí caiu no chão estendido.*

- Entrevista 7

Conflitos dentro da gangue e entre seus membros podem também ocorrer; durante esse tempo, e qualquer membro ou pessoa que esteja perto pode ser baleada. Atirar de dentro de carros também acontece. Um *pandillero*, na Entrevista 3, disse que: “De repente, os outros caras chegaram de carro [...] e começaram a atirar, e eu me joguei no chão”. Muitas vezes, não se sabe

quem está dentro do carro. Outro membro da gangue (Entrevista 5), que estava também presente, disse que eles não sabiam quem estava no carro e que “eles não disseram nada”.

A maioria dos que declararam ter se envolvido em homicídios falaram de seu medo quando mataram pela primeira vez. Entretanto, muitos disseram que o medo inicial pode até ser substituído por uma sensação de prazer, já que os membros das gangues rivais não têm pena quando matam seus irmãos de gangue. No início, a experiência de matar produz um choque emocional forte, que pode ser substituído depois por insensibilidade. De acordo com o *pandillero* da Entrevista 7, “naquele dia, eu não dormi, só me via atirando nele [...] Depois fiquei viciado em matar”.

Os membros de gangue disseram que as armas de fogo produziam neles uma sensação de segurança. Suas experiências revelaram que, sem armas, eles ficam em desvantagem contra um rival armado. Eles já atestaram a eficiência das armas quando se trata de eliminar inimigos. O membro de gangue da Entrevista 8 disse: “Bem, com um morteiro, você atinge eles no corpo inteiro e pode ter certeza de que eles morreram. Com uma faca, você esfaqueia eles cinco vezes e, às vezes, eles ainda sobrevivem!”

A arma favorita dos membros de gangue é a nove milímetros, porque “é pequena e de alto calibre” e é automática. Outras armas usadas comumente são o 38 e as granadas, ou “papas”, de fabricação caseira. Jovens de gangues disseram que haviam também usado os seguintes tipos de arma: rifle, granada, pistola, rifle de fabricação caseira (“chaca”), carabina, revólver, 45, 10, 12, 25, 22, 38, 9, esquadra automática 3220 (um tipo de pistola automática), fuzil Galil automático, Estratek e M16. De acordo com os entrevistados, as UZIs são usadas apenas por *banderos*.

Os entrevistados disseram que apenas compram armas e não se envolvem com sua venda. Elas são obtidas através de cinco fontes: polícia (que as vende), civis (que as vendem ou trocam por drogas), *transeros* (que emprestam as armas para que eles possam ir atrás das drogas) e roubando equipes de segurança.

Todos os *pandilleros* têm de comparecer com uma cota mensal para o grupo. Parte dela vai para a compra de armas. De acordo com eles, obter armas é fácil, já que os civis que não querem mais as suas as vendem para membros de gangue. Em uma entrevista, foi declarado que uma arma de fogo pode ser comprada por algo entre US\$ 137 e US\$ 251, embora um .45 seja mais caro.

### Perspectivas futuras

Quando perguntados sobre o futuro, quatro respostas foram as mais comuns: alguns preferiam não pensar no futuro; outros, que as coisas iam continuar iguais; alguns achavam que iriam trabalhar, mas permanecendo na gangue; e finalmente, um pequeno grupo gostaria de se tornar “inativo”.<sup>44</sup> A intensidade com que vivem a vida diária e ter de vivê-la em risco constante torna os planos para o futuro difíceis, já que os membros de gangue estão resignados com a possibilidade da morte. “Eu não penso no futuro [...] mas agradeço a Deus por cada momento, porque [...] ninguém sabe como vamos terminar”, disse o *pandillero* da Entrevista 8.

Além disso, ninguém pode deixar a gangue. Pode-se ficar inativo, mas apenas quando há motivos claros, como ter de trabalhar para manter a família. Entretanto, alguns membros rejeitam até isso, uma vez que têm presenciado a morte de inativos. Um aspecto importante relacionado às *pandillas* é se os membros acreditam ou não que seja possível melhorar, mudar ou se tornar inativo. Se acham que isso não é possível ou que não vale a pena, então não fazem muito esforço para tentar uma dessas opções. A maioria dos entrevistados havia rejeitado a possibilidade de estudar no futuro, preferindo o treinamento numa habilitação que pudesse ajudá-los a ganhar a vida. Entretanto, conseguir um emprego se torna difícil pelo fato de que poucos empregadores desejam

contratar um membro de gangue. Para alguns membros, e experiência nos centros de re-educação teria sido importante, se eles houvessem tido acesso a alguma habilitação. “Eu tenho pensado num monte de coisas, porque eu fiquei realmente louco quando fui preso. Agora que eu estou fora, eu estou bem mais calmo”, disse o membro de gangue na Entrevista 12. Entretanto, os entrevistados em geral viam negativamente a detenção, devido à falta de liberdade e aos abusos por parte dos carcereiros.

Membros de gangue foram perguntados sobre a lei Mão Dura. Nenhum deles respondeu que ela fosse uma solução para o problema das gangues. Alguns disseram que, se o governo realmente quisesse reduzir a criminalidade, ela deveria encampar também *banderos* e *transeros*. De acordo com o *pandillero* da Entrevista 2, “Pra mim eles deviam ter feito a Mão Dura pra todo mundo e não só para as gangues”. Por outro lado, os entrevistados tinham consciência do fato de que nem todos os membros de gangue estão ativos. “Porque às vezes têm aqueles que estão inativos e têm filho, mas a polícia [mesmo assim] dá em cima deles porque eles [já] estão marcados”, disse o membro de gangue da Entrevista 6. Além disso, a Mão Dura não oferece alternativa à detenção, e eles disseram que trabalhar é a melhor solução.

*Essas leis não ajudam nada... Porque se eles quisessem ajudar, eles iam dar emprego...*

- Entrevista 4

Alguns membros de gangue também não se vêem ascendendo na hierarquia da *pandilla* ou se tornando *palabrero*, por causa do perigo envolvido. Quando perguntados como aconselhariam os que querem ingressar numa *pandilla*, a maioria disse que advertiriam sobre o que é realmente uma gangue, dizendo que não é um jogo e envolve muito perigo:

*[Eu digo aos recrutas novos] que não é fácil andar com a gangue. Que eles têm que se lembrar que nem todos nós temos a mesma sorte [...] Eu fico na cola de alguns colegas mais novos que eu... Na colonia, um membro novo morreu no primeiro roubo. Não é legal morrer novo, você acaba não vivendo.*

- Entrevista 7

### III. SOLUÇÕES PARA COAV

<sup>44</sup> “Calmado”: um *pandillero* que permanece ligado à gangue, mas não se envolve diretamente em suas atividades.

A fim de elaborar soluções para COAV, buscamos informações nos esforços bem sucedidos de reabilitação e prevenção de El Salvador. Foi mais fácil encontrar instituições privadas nessas experiências do que entidades públicas.<sup>45</sup> Um esforço do setor público é o Conselho Nacional de Segurança Pública, que possui projetos de prevenção. Os projetos do setor privado ou de ONGs incluem o Polígono Don Bosco, que é o maior esforço de reabilitação do país. Por fim, incluímos uma avaliação da lei antegangue conhecida como “Mão Dura”.

### **Conselho Nacional de Segurança Pública**

O CNSP começou, em 1996, como uma secretaria de consultoria sobre segurança pública da presidência. Sua missão foi a de formular e implantar um programa e uma política especiais de prevenção da violência, enfatizando a participação pública. O CNSP atende 100 comunidades em

17 municípios, de três departamentos, em El Salvador, com destaque especial para os municípios de San Salvador e Soyapango.

Após a escolha de um município, a organização em nível comunitário (através do Programa de Liderança e Organização de Bairros) serve como garantia de sucesso para outros programas que incluem: grupos escolares, infra-estrutura social, policiamento comunitário, prevenção social direta, recreação e esportes, atividades artísticas, treinamento vocacional e profissional, e assistência médica. À noite, os jovens da comunidade podem optar entre futebol ou acesso ao centro recreativo, e iluminação para a comunidade é fornecida por segurança. Durante o dia, treinamento vocacional e profissional é oferecido.

O treinamento vocacional e o programa de empregos envolvem parcerias com instituições públicas, associações e fundações privadas, que fornecem treinamento formal para os jovens em áreas técnicas. Após completarem o programa, eles buscam emprego em empresas privadas e públicas. O CNSP também coordena com o Instituto Salvadorenho de Treinamento Profissional o Programa de Treinamento Profissional, e com o Ministério do Trabalho e a Previdência Social, o Programa Profissional.

Apesar da existência dessa instituição, que tem, além disso, como natureza institucional aconselhar diretamente o presidente da república, o poder executivo privilegiou o enfoque da intervenção através da lei Mão Dura. Isso reflete a esquizofrenia da abordagem governamental da prevenção à violência e delinquência.

### **O Polígono Industrial Don Bosco**

O objetivo do polígono, em seu 16º. ano, é fornecer trabalho e alternativas educacionais para crianças. Atualmente, há 87 jovens vivendo na instituição, todos de idades entre 14 e 18 anos. Existe também um programa para 400 alunos externos: 200 da primeira à sexta série, que estudam de dia, e outros 200 jovens que estudam à tarde e à noite. Os beneficiados incluem jovens de rua, de alto risco e em conflito com a lei.

Jovens de rua são aqueles que moram na rua. Jovens de alto risco são aqueles em risco de usar drogas ou que já o fazem, que estão envolvidos com o comércio ilegal de armas, que passaram por violência familiar ou estão envolvidos com prostituição. Jovens em conflito com a lei são os que já se envolveram com a lei; eles têm a opção de participarem do centro Don Bosco. Para que isso aconteça, um juiz deve primeiro concordar com a participação desse jovem, baseado em seu comportamento anterior em centros de detenção. Recentemente, a “liberdade assistida” se tornou uma alternativa à detenção. Se o jovem se encontra em risco de

---

<sup>45</sup> Nosso pedido para entrevistar Ismael Rodríguez Batres, diretor executivo do Instituto Salvadorenho Para o Desenvolvimento Integral de Crianças e Adolescentes (ISNA em espanhol), não recebeu resposta. Isso foi uma pena, já que um número grande de membros de gangue passa pelos centros de re-educação do governo. Suas experiências, portanto, poderiam ajudar na busca de soluções.

se envolver com uma *pandilla*, ele/ela é direcionado para um programa de prevenção. Se já estiver envolvido, então ele/ela toma parte em um programa de intervenção.

Os jovens são mantidos ocupados das sete horas da manhã às 10 da noite, incluindo o trabalho naquelas instituições que participam do programa. Eles recebem formação e treinamento acadêmico e técnico. Além de aprenderem uma habilitação, aprendem também noções de gerenciamento, uma vez que se espera que eles se tornem homens/mulheres de negócio, em vez de trabalhadores de baixa qualificação.

Eles são acompanhados individualmente por membros da equipe nas áreas de educação, trabalho e saúde. Cada jovem possui um dossiê psicopedagógico. A cada três meses, seu desempenho é avaliado, e a equipe se reúne regularmente com eles e suas famílias.

Em termos gerais, o Polígono Industrial não recebe apoio econômico do governo salvadorenho, mas depende de cooperação internacional, em especial de ONGs (a maioria das quais espanhola). Tem havido um apoio limitado do Ministério da Educação, da Habitação e do Instituto

Salvadorenho de Treinamento Profissional. O custo estimado para a manutenção de um aluno é de aproximadamente US\$ 240.

A ligação entre o Don Bosco e a Corte Suprema de Justiça é positiva, já que esta proporciona uma alternativa para aqueles jovens que querem realmente mudar de conduta. Os números da reabilitação para os que vêm participando do projeto são positivos. Nos dois últimos anos (2002-2003), 60% fizeram mudanças de vida positivas, 25% pararam de participar da violência e das gangues e estão numa situação relativamente estável, embora não estejam trabalhando ou na escola. Os outros 15% são de infratores reincidentes. Isso contrasta com as declarações de alguns governos de que a reabilitação de membros de gangue não é possível.

### **Avaliação da Lei Antegangue**

A Lei Antegangue (Ley Antimaras) foi aprovada pela Assembléia Legislativa, em 9 de outubro de 2003, e entrou em vigor a 11 de outubro. A lei foi aprovada três meses após o presidente da república ter lançado, em 23 de junho, o “Plano Mão Dura”, anunciando sua decisão de apresentar à Assembléia Legislativa uma lei que regularia crimes cometidos por *pandilleros*. A lei era para “estabelecer um regime temporário especial de combate aos grupos conhecidos como *pandillas*”. Ela valeu por um período de 180 dias após ter entrado em vigor. De acordo com a polícia civil, até 17 de março de 2004, houve 11.263 prisões de suspeitos de pertencer a *pandillas*, das quais 2.872 foram de reincidentes. De todas as prisões feitas, 5.671 suspeitos de serem membros de gangue foram acusados de crimes como: homicídio, lesão corporal, roubo, furto, ameaça, estupro, ataque sexual, terrorismo, seqüestro, ocultação de delinqüentes ou de prova criminal, porte ilegal de arma, porte de droga e tráfico de droga. O restante das prisões estava diretamente de acordo com a Lei Antegangue. Cinquenta por cento dos detidos pertenciam à gangue MS, 39% à M-18 e o resto estava dividido entre vários outros grupos. Ao avaliarmos a Lei Antegangue, achamos que:

*É desnecessária, já que a maioria dos crimes e delitos previstos já é tratada pelo sistema legislativo. Além disso, a Lei Antegangue propõe medidas que contradizem normas legais, às quais El Salvador está sujeito, como a Convenção dos Direitos da Criança. A Lei do Menor Infrator já regula a situação de menores em conflito com a lei. A Lei Antegangue diferencia infratores menores de infratores menores que pertençam a pandillas, os mesmos crimes ou infrações recebem tratamento desigual, conforme o menor pertença ou não a uma gangue. Além disso, funções que eram anteriormente desempenhadas pelo ministério público ou por juízes, a fim de garantir a aplicação das leis salvadorenhas, foram eliminadas.*

A Lei Antegangue determina que pertencer a uma *pandilla* é crime. Entretanto, isso viola o Artigo 12 da Constituição, que afirma que “todos os acusados de cometerem crimes são

considerados inocentes até prova em contrário”. O Artigo 15 afirma que “uma pessoa só pode ser julgada por leis aprovadas antes do ato criminoso”. Isso significa que aqueles que ingressaram em gangues após a aprovação da Lei Antegangue podem ser condenados.

Metade dos casos de suspeita de *pandilleros* teve as acusações retiradas. Isso nos leva a perguntar se o trabalho de processar quase 11.000 jovens tem algum efeito regulador sobre o crime? O país possui, em geral, altos índices de criminalidade e não pode se concentrar em apenas um tipo de associação criminosa, em detrimento dos outros. Por fim, não existe infraestrutura adequada para se encarcerar todos os membros de gangue no país. Mesmo antes da Lei Antegangue, El Salvador já tinha os índices de detenção mais altos da América Central.

A Lei Antegangue busca endurecer as penas para *pandilleros*, mas não vem acompanhada de medidas que tentem impedir os jovens de ingressar em gangues, ou que procurem reabilitar os jovens de gangue ativos ou inativos.

### Recomendações

- **Concentrar-se sobre prevenção:** não há política ou programa de prevenção unificados. Em termos gerais, existe pouca compreensão sobre a prevenção como alternativa real para o problema da violência no país. A repressão não vem acompanhada por medidas mais integradas, que ataquem o problema pela raiz.

**Investir mais em programas de prevenção e reabilitação para jovens envolvidos com a violência:** muito pouco se investe na prevenção da violência. Ao mesmo tempo, projetos complementares são necessários: por exemplo, projetos de prevenção que valorizem as relações entre polícia e comunidade. O policiamento comunitário profissional é necessário.

**Apoiar intervenções locais:** gabinetes de prefeito poderiam ser as plataformas necessárias para projetos que lidem com a violência, devido à sua acessibilidade às pessoas. Vários estudos têm apontado uma relação entre infra-estrutura comunitária e gangues. As descobertas deste estudo poderiam estimular os governos locais a considerar a importância de áreas positivas, dentro da comunidade, e a necessidade de controlar aquelas que podem influenciar negativamente os jovens.

**Revisar o Código da Criança e do Adolescente e a Lei Geral Para Jovens:** a Lei Antemaras atual ganhou apoio rápido enquanto há, no momento, duas propostas na Assembléia Legislativa que poderiam oferecer benefícios aos jovens. O Código da Criança e do Adolescente<sup>46</sup> e a Lei Geral Para Jovens<sup>47</sup> estão aguardando revisão. Elas poderiam ampliar o alcance político e judicial e preencher o vácuo institucional que afeta El Salvador.

**Ser mais equilibrado ao tratar do problema:** a questão das *pandillas* foi manipulada como propaganda política nas eleições presidenciais de 2004. É importante deixar claro que a delinqüência juvenil é apenas uma manifestação da violência generalizada em El Salvador.

**Estudar a experiência dos centros de re-educação:** as instituições governamentais, em particular o INSA, deveriam se familiarizar com os centros de re-educação. Nossa experiência é que essas instituições não

---

<sup>46</sup> Código de la Niñez y la Adolescencia.

<sup>47</sup> Ley General de la Juventud.